

INUMERÁVEIS DO BRASIL

Fernanda Nogas* (Brasil)

Numa terra de cinquenta mil mortos, ela respirava entre as cinzas.

Ainda estava viva.

Ainda era capaz da imortalidade.

Ainda era chamada a contar histórias.

Mas agora era a história dos mortos.

Agora era a história das vítimas.

A história dos invisíveis de uma nação guiada por mãos genocidas.

A história de pessoas sem respiradores, sem funerais, sem medicamentos.

A história de Joões, Josés e Marias; de Abeis, Augustos e Abadias.

Do avô que ganhara um neto;

Da moça que adorava dançar.

Do mecânico de São Lourenço da Mata; da enfermeira do Chuí; do pajé da aldeia
indígena.

Vidas sem direito à vida.

Vidas que não importam ao genocida.

E aqui não se fala do genocida-vírus.

Fala-se do genocida do planalto;

Do genocida da república;

Do primeiro a abrir as feridas.

O genocida que respondeu às mortes: “E daí?”.

Mas ela ainda estava viva.

Ainda era capaz de contar histórias.

E imortalizou cada um dos cinquenta mil invisíveis.

Com o nome de “Inumeráveis” foi batizada.

Ela, a arte de contar histórias.

A arte tão imemorial quanto a origem da própria vida.

E assim ele foi erguido.
O memorial de palavras,
O memorial das almas perdidas.
Almas que viraram palavras,
Palavras viraram arte.
Arte sobre a qual
a realidade está escrita.

*Poema em homenagem à iniciativa “Inumeráveis”, que se dedica a contar a história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil.